


**A REPRESENTAÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS NA MÍDIA EM GOIÁS****THE REPRESENTATION OF TRADITIONAL KNOWLEDGE IN THE MEDIA IN GOIÁS****LA REPRESENTACIÓN DEL CONOCIMIENTO TRADICIONAL EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN EN GOIÁS** <https://doi.org/10.56238/rcsv15n6-006>**Data de submissão:** 28/05/2025**Data de aprovação:** 28/06/2025**Leticia Arantes Jury**

Mestra, Universidade Federal de Goiás

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3069426017717757>**Josana de Castro Peixoto**

Doutora, Universidade Estadual de Goiás

Universidade Evangélica de Goiás

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1480725200366013>**RESUMO**

O Cerrado brasileiro é um território de múltiplas identidades e saberes tradicionais que resistem às transformações impostas pela expansão da monocultura e pelas pressões do agronegócio. Este artigo analisa de que forma os jornais O Popular, Jornal Opção e Diário da Manhã — três dos principais veículos impressos do estado de Goiás — abordam os povos e os saberes tradicionais do Cerrado em suas coberturas ambientais. A partir de uma pesquisa documental realizada entre agosto de 2023 e agosto de 2024, foram identificadas e analisadas matérias jornalísticas relacionadas ao tema. A investigação parte da valorização dos saberes populares, como as práticas alimentares, culturais e religiosas presentes nas obras de autores como Cora Coralina, Câmara Cascudo e Bariani Ortêncio, além do legado indígena e quilombola presente no território. Os resultados revelam a necessidade de ampliar o espaço destinado à pluralidade de vozes no jornalismo ambiental goiano, reafirmando a importância da comunicação como ferramenta de valorização sociocultural e de resistência territorial.

**Palavras-chave:** Cerrado. Saberes tradicionais. Jornalismo ambiental. Cultura popular. Povos tradicionais. Goiás.

**ABSTRACT**

The Brazilian Cerrado is a territory of multiple identities and traditional knowledge that resists the transformations imposed by the expansion of monoculture and the pressures of agribusiness. This article analyzes how the newspapers O Popular, Jornal Opção and Diário da Manhã — three of the main print media outlets in the state of Goiás — address the peoples and traditional knowledge of the Cerrado in their environmental coverage. Based on documentary research conducted between August 2023 and August 2024, journalistic articles related to the topic were identified and analyzed. The investigation starts from the appreciation of popular knowledge, such as the food, cultural and religious practices present in the works of authors such as Cora Coralina, Câmara Cascudo and Bariani Ortêncio, in addition to the indigenous and quilombola legacy present in the territory. The results reveal the need to expand the space dedicated to the plurality of voices in environmental journalism in Goiás, reaffirming the importance of communication as a tool for sociocultural appreciation and territorial resistance.

**Keywords:** Cerrado. Traditional knowledge. Environmental journalism. Popular culture. Traditional peoples. Goiás.

## RESUMÉN

El Cerrado brasileño es un territorio de múltiples identidades y saberes tradicionales que resiste las transformaciones impuestas por la expansión del monocultivo y las presiones de la agroindustria. Este artículo analiza cómo los periódicos *O Popular*, *Jornal Opção* y *Diário da Manhã* —tres de los principales medios impresos del estado de Goiás— abordan a los pueblos y los saberes tradicionales del Cerrado en su cobertura ambiental. A partir de una investigación documental realizada entre agosto de 2023 y agosto de 2024, se identificaron y analizaron artículos periodísticos relacionados con el tema. La investigación parte de la valoración de saberes populares, como las prácticas alimentarias, culturales y religiosas presentes en las obras de autores como Cora Coralina, Câmara Cascudo y Bariani Ortêncio, además del legado indígena y quilombola presente en el territorio. Los resultados revelan la necesidad de ampliar el espacio dedicado a la pluralidad de voces en el periodismo ambiental en Goiás, reafirmando la importancia de la comunicación como herramienta para la valoración sociocultural y la resistencia territorial.

**Palabras clave:** Cerrado. Conocimientos tradicionales. Periodismo ambiental. Cultura popular. Pueblos tradicionales. Goiás.

## 1 INTRODUÇÃO

O Cerrado brasileiro abriga uma complexa teia de culturas, saberes e modos de vida que resistem ao tempo e à pressão do avanço do agronegócio. Com mais de 1.600 espécies de plantas e animais catalogadas e sendo berço das principais bacias hidrográficas da América do Sul — Amazônica/Tocantins, São Francisco e Prata —, esse bioma vai além de sua riqueza ecológica: é também um território simbólico de resistência cultural. Em seus campos, cerradões e veredas florescem tradições orais, culinárias, religiosas e sociais que formam um verdadeiro patrimônio imaterial, transmitido entre gerações. No entanto, esses saberes tradicionais são frequentemente silenciados ou invisibilizados na esfera pública, inclusive pelos meios de comunicação que deveriam atuar como mediadores da diversidade cultural e ambiental do país.

Diante disso, este artigo propõe uma investigação sobre a presença — ou ausência — das tradições e saberes dos povos do Cerrado na cobertura jornalística dos três principais veículos impressos do estado de Goiás: O Popular, Jornal Opção e Diário da Manhã. O período analisado compreende de agosto de 2023 a agosto de 2024, com o objetivo principal de compreender como esses meios tratam as pautas ambientais e, mais especificamente, como (e se) abordam os conhecimentos, práticas e modos de vida dos povos tradicionais do Cerrado. A problematização que orienta esta pesquisa parte da seguinte pergunta: Em que medida os jornais goianos reconhecem e valorizam os saberes e tradições dos povos do Cerrado em suas coberturas sobre meio ambiente?

A escolha por abordar essa temática se justifica pela urgência em discutir o papel dos meios de comunicação na valorização dos conhecimentos tradicionais, em especial em um contexto de crescimento das monoculturas, da grilagem de terras e do desmatamento acelerado do Cerrado. Ao evidenciar os modos de vida, as práticas alimentares, religiosas, sociais e culturais dos povos cerradeiros — como as quitandas, os rituais de matriz africana, as festas populares, os cuidados com a terra e a ancestralidade indígena — buscamos contribuir para o reconhecimento da pluralidade cultural presente neste bioma.

A relevância do estudo reside, portanto, na intersecção entre comunicação, cultura e meio ambiente, destacando a importância de que os meios jornalísticos cumpram seu papel social de dar visibilidade a vozes historicamente marginalizadas. A valorização dos saberes do Cerrado, além de representar um ato de justiça cultural, é também uma estratégia fundamental para a construção de um futuro mais sustentável e diverso. O que está em jogo é mais do que a preservação da natureza: é o reconhecimento dos saberes e tradicionais como fundamentais para a vida social.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Bertrand (1994) define o cerradeiro ou cerratense como ateu e inclinado às superstições, sendo mais cético do que fatalista, um homem barroco que foi criado nos ocios sertanejos, um povo mais miscigenado de negro do país, com uma linguagem surpreendente, inovadora e rica em elementos barrocos e sertanejos. Sobre a culinária goiana, Bertrand (1995, p. 179) cita Cora Coralina,

Primeiro, anos de 1960 e 1970, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, a fortíssima poeta e doceira Cora Coralina. Quando D. Cora voltou a Vila Boa depois de meia vida no estrangeiro de São Paulo, trazia um vasto conhecimento de padaria e quituteira e realizou grande releitura de velhas receitas, dividindo os resultados com outras mestras da Cidade de Goiás. A mistura de poesia e de culinária produziu efeitos devastadores – e Cora soube tão bem misturá-los – que a partir daí surgiu uma forma de exaltação poética do de-comer.

A citação de Bertrand (1994) nos motiva a iniciar o capítulo com o poema “Todas as Vidas”. Cora Coralina (1983) retrata tradições, saberes e vivências quando diz que vive dentro dela uma cabocla velha de mau-olhado, acorada ao pé do borralho, olhando para o fogo. Em seguida: “Benze quebranto. Bota feitiço. Ogum. Orixá. Macumba, terreiro. Ogã, pai-de-santo”.

Ao ler o trecho nos voltamos para as tradições e saberes populares de raízes afro-brasileiras, que se são parte da cultura goiana. Práticas religiosas do candomblé e da umbanda, que estão ligadas a ancestralidade africana trazida pelos negros que foram escravizados. Ela faz poema do patrimônio cultural dentro do contexto do cotidiano, representado ainda pela ‘cabocla velha ao pé do borralho’.

Ainda no poema, Cora Coralina (1983) ressalta as lavadeiras do Rio Vermelho; a mulher cozinheira, em que lista a pimenta, a cebola, quitute bem feito, a panela de barro, taipa de lenha, cumbuco de coco; a mulher roceira, enxerto da terra, meio casmurra, trabalhadeira, madrugadeira, analfabeta, de pé no chão.

No jornal Cidade de Goiás, Cora Coralina publicou a crônica Meu Goiás, na qual, em um trecho, falou sobre linguagem goiana com suas expressões, que ela nunca havia escutado em nenhum outro lugar onde viveu. Ela cita a palavra enzoneira, que lhe remete a sua infância. Cora Coralina era a criança de imaginação, fazedeira de perguntas, contadeira de sonhos e que misturava verdades com imaginação, como ela mesma narra. “Palavra goiana me lembra a infância passada e repassada. Palavra marcante, clara como ferro em brasa sobre a sensibilidade da criança de imaginação viva que saía da bitola estreita, traçada e medida pelo matriarcado das famílias” (BRITO; SEDA, 2009, p.258).

Em ‘Cora Coralina, quem é você’, a poetiza nos apresenta suas impressões sobre a então Goiás Velho, ao contar que nasceu numa rebaixa de serra entre serras e morros, longe de todos os lugares, numa cidade de onde levaram o ouro e deixaram as pedras. “Sou mais doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre de todas as artes: objetiva, concreta, jamais abstrata, a que está ligada à vida e à saúde humana” (CORALINA, 1976, p.40).

Segundo Brito e Seda (2009), os doces são uma tradição goiana de séculos e Cora, que precisava trabalhar para se manter, começou a fabricá-los e comercializá-los. Não abria mão que eles fossem feitos no fogão a lenha e nos tachos de cobre. “As receitas e peculiaridades das sobremesas eram (e são até hoje) transmitidas de geração para geração, dentre o da imaterialidade dos saberes e dos modos de fazer” (BRITO; SEDA, 2009, p.281).

Delgado (2002) nos diz que a produção de doces a partir das frutas do cerrado, registrada pelos viajantes que percorreram Goiás no início do século XIX, certamente era costume tradicional das famílias goianas e também alternativa para muitas mulheres, que sustentavam a família com a fabricação de doces e quitutes, as quitandas, vendidas nos tabuleiros. No entanto, foi a poeta-doceira que associou esta atividade ao turismo, transformando o doce de frutas em souvenir da Cidade de Goiás.

Tanto na composição narrativa do passado quanto na prática de fazer doces para vender, Cora Coralina, na análise de Delgado (2002), reafirma o sentimento de pertencimento à Cidade de Goiás e a luta contra a exclusão. Ela constrói uma memória coletiva goiana que transforma em matéria de seus poemas e doces. Delgado (2002) observa ainda que, ao utilizar receitas centenárias para fazer doces e vendê-los aos turistas, Cora Coralina reafirmava seu vínculo com a identidade de gênero e rompia com a memória do estigma, ao assumir um ofício tradicionalmente feminino.

Os saberes goianos materializados nos pratos típicos foram uma temática recorrente nas obras de Bariani Ortêncio, sobre as quais a folclorista Izabel Cristina Alves Signoreli tem se dedicado há alguns anos. Signoreli (2010) destaca que Ortêncio definia a cozinha goiana como oriunda de três culturas distintas: a indígena, dos nativos da terra; a africana, herança dos escravos negros; e a europeia, com a chegada das famílias portuguesas a Goiás.

Para a Folclorista, embora os hábitos alimentares em Goiás sigam uma receita mais ou menos parecida com a culinária mineira e paulista, com as quais compartilham vários pratos, a cozinha goiana se destaca por misturar no mesmo caldeirão suas origens indígenas, com pitadas de gosto europeu, um leve tempero africano e doses de bom humor.

Em Goiás, segundo Ortêncio, todas as ocasiões festivas, a comida estava presente, farta, proporcionando um alegre convívio social. O alimento não representava apenas o elemento nutritivo, mas era também o meio para provocar alegria e bom humor. Não havia festa sem comida. Naturalmente, que a cozinha das festas não era a mesma do cotidiano, exigia condimentos nem sempre encontráveis no dia a dia. A comida “de festa” obedecia a um cardápio especial, fora do trivial, a qual era composto por assados e cozidos, além da macarronada, alimento que devia ser comprado no mercado, portanto, mais difícil de ser conseguido, ficando restrita a sua utilização aos dias festivos. Os doces também eram muito apreciados e não faltavam os de banana, cidra, limão, os pudins e os cremes, sendo oferecido só para as visitas e nos dias de festa. (SIGNORELI, 2010, p.31).

Complementamos a temática dos saberes materializados na culinária, com Da Câmara Cascudo (2017), pois ele vem ao encontro da nossa investigação, ao ressaltar que a alimentação não é apenas subsistência, mas também memória e tradição, ao representar um legado dos mantimentos que formam a base das identidades culturais.

Ao abordar a alimentação indígena, presente na culinária goiana, Da Câmara Cascudo (2017) destaca a centralidade da mandioca, que na vida cotidiana de indígenas, portugueses e escravizados, a farinha conquistou relevância histórica e cultural. O autor também menciona a importância da pimenta, tanto nativa quanto africana, como um condimento fundamental, incorporado de diversas formas a culinária.

Além disso, Da Câmara Cascudo (2017), explora como os alimentos originalmente indígenas, como a canjica e a pamonha, foram transformados pela influência africana e europeia, adaptando-se a novos ingredientes e práticas, consolidando-se como símbolos da cultura alimentar brasileira. Farinha de mandioca, feijão, toucinho, carne-seca, arroz e banana, herança africana, estão incorporadas na tradição goiana.

### 3 FESTAS E TRADIÇÕES GOIANAS

O centenário escritor e folclorista Bariani Ortencio, paulista, mas que viveu a maior parte de sua vida em Goiás, faleceu no final do ano de 2023. Ele retratou o povo goiano e os saberes tradicionais por meio dos seus contos e causos, como abordamos anteriormente. Agraciado pela Academia Brasileira de Letras na década de 80, com o prestigioso prêmio João Ribeiro, Ortencio se destacou com a publicação da Cartilha do Folclore Brasileiro. Logo no início desta obra, Ortencio (2013, p. 13) define a sabedoria do povo,

Por mais simples que seja, tudo que o povo pensa, sente e faz é sabedoria, resultando em parlenda, trava-línguas, encantamentos, ritos, juras, artes, instrumentos, pregões, correntes, xingatórios e até seus gestos, danças, teatro, ferramentas, cantigas, literatura de cordel, festas religiosas e tradicionais, magias, tabus, desafios, romances, orações, brinquedos, jogos, técnicas populares, rendas, tecelagem, bordados, trançados, cestarias, móveis e utensílios (...) no meio do povo tem sempre alguém que cura sem ser médico, usando mezinhas e garrafadas, tem quem calcula sem ser matemático ou engenheiro e quem conhece o sol, as estrelas, a lua, sem ser astrólogo e astrônomo. O homem simples é inteligente, intuitivo, observador e, mesmo sem estudo, conhece as fases da lua e assim as usa: extraíndo madeira na mingunte, que terá mais duração, não garrucha; nessa mesma fase ele esgota as jazidas de argila para que o material cerâmico não rache ao secar e ao ser queimado. Na lua cheia ele pesca, que na nova e na mingunte os peixes estão com os dentes doloridos e não come a isca do anzol, na crescente ele planta e corta o cabelo.

Ortencio (2013, p.27) destaca que não se pode desconsiderar o papel desempenhado pela comunicação de massa na dinâmica das tradições populares. Ele alerta que a mídia pode descontextualizar os saberes populares, assim como sua influência ideológica. Portanto, o folclorista recomenda aos profissionais da imprensa estudar e compreender as relações do folclore com a cultura

de massa, a fim de promover o que ele define como reelaborações recíprocas e aproveitamentos dos saberes tradicionais do Cerrado.

Em sua Cartilha do Folclore Brasileiro, Ortêncio (2013) conta que a moda de viola é uma composição caipira, quase sempre criada por pessoas analfabetas ou semi-alfabetizadas, sem obedecer a nenhuma exigência musical ou poética. Essa tradição predomina em São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Dentre os temas das canções estão a valentia, a boiada, os santos e os animais de sela.

Ortêncio (2013) destaca a Catira como outra tradição goiana, que ele define ser uma dança profana executada apenas por homens e considerada uma das danças folclóricas mais conhecidas do Brasil. Ele afirma que não há pouso de folia sem catira, afinal, todo folião é bom catireiro. Além disso que: “Catira é também gambira, berganha, troca, permuta” (ORTÊNCIO, 2013, p. 77).

A Congada, por sua vez, é descrita como um auto de representação pública e dramática, originada nas danças guerreiras dos congos da África. Esta tradição é vivenciada nas festas do Divino Espírito Santo e do Rosário, com destaque para a cidade de Catalão, embora esteja presente em várias outras cidades de Goiás. “A festa de Nossa Senhora do Rosário é festa de negros. Pela madrugada, a banda de música sai às ruas fazendo alvorada, soltando foguetes” (ORTÊNCIO, 2013, p. 81).

As folias também são destacadas por Ortêncio (2013) como marcas nas tradições goianas, sendo as mais importantes a Folia de Reis e a Folia do Divino. O pouso é descrito como a parte principal e mais marcante, ocorrendo geralmente na sede de uma fazenda, com a chegada da folia recebida por uma salva de fogos. As casas são enfeitadas com arcos de bambu e bananeira. Ortêncio detalha que a Folia do Divino acontece de maio a junho, e sua bandeira vermelha, com a figura de uma pomba branca ao centro, é o símbolo dessa tradição.

As Cavalhadas, especialmente as realizadas em Pirenópolis, são citadas pelo folclorista, que detalha que as mesmas representam a luta entre mouros e cristãos, com vestimentas e enfeites de cavalos que marcam a tradição, que ocorre no Campo de Batalha, ao som de tambores e banda de música, e culmina com a vitória dos cristãos e a conversão dos mouros ao cristianismo. Antes da luta, os mascarados percorrem as ruas em cavalos enfeitados, com diversas brincadeiras.

A Procissão do Fogaréu, realizada na Cidade de Goiás, é considerada por Ortêncio (2013) mais turística do que religiosa. Durante o evento, os Farricocos, encapuzados, carregam tochas enquanto seguem descalços, saindo à meia-noite da Igreja da Boa Morte. O cortejo percorre as ruas ao som de tambores, passando pela Igreja do Rosário, onde há uma mesa com pão e vinho, e segue até a Igreja de São Francisco, encenando o Cristo prisioneiro.

Almeida (2015) apresenta em sua pesquisa 45 manifestações culturais em Goiás, abrangendo tanto as tradicionais quanto as populares. Ele aborda a história dos Muladeiros, a tradição dos carros de boi, os festivais de catira, as romarias, os violeiros e catireiros, as cavalhadas, os congados e os

mutirões de fiandeiras. Em relação à cultura Kalunga, ele destaca a existência de vários grupos e as festas tradicionais, como a Sussa, Romaria do Vão das Almas e Romaria do Vão do Moleque, em mais de 26 comunidades reconhecidas pela Fundação Palmares.

Ao discorrer sobre as benzedeadas do Cerrado goiano, Almeida (2015, p.138) detalha,

O conhecimento de comunidades tradicionais ajuda a resolver os problemas socioambientais, devido a sua relação respeitosa com o meio ambiente, que é parte integrante do seu sistema cultural e elemento essencial à sobrevivência do ser humano. A medicina tradicional praticada pela comunidade do Cedro e raizeiras em todo o Estado expressa através de diferentes práticas de cura. Ela é uma síntese da medicina dos povos indígenas brasileiros, dos povos africanos e dos colonizadores portugueses. Usa vários recursos para cuidar da saúde: remédios caseiros feitos de plantas medicinais, dietas alimentares, banhos, benzimentos, orações, aconselhamento, massagem e aplicação de argilas.

Sobre as fiandeiras, Almeida (2015) relata que grupos se reúnem anualmente em diversas cidades de Goiás, como Itapuranga, com o grupo Teares do Xixá, e a Associação das Fiandeiras de Hidrolândia, além de localidades como Trindade, Olhos D'Água e muitas outras, para grandes encontros e animados mutirões destinados à produção de artigos de tecelagem manual. “É emocionante ver a alegria dessas mulheres, simples e humildes, nos movimentos de fiação e tecelagem, felicidade estampada em seus rostos, marcados pelo sofrido trabalho árduo na roça” (ALMEIDA, 2015, p. 69).

A cultura Kalunga, citada por Almeida (2015), está presente em cinco núcleos principais: Vão de Almas, Vão do Moleque, Kalunga, Contenda e Ribeirão dos Bois, todos marcados por fortes traços da cultura africana. Entre as festas populares destacadas pelo autor estão a Sussa, que apresenta influências do Candomblé; a Romaria do Vão de Almas, em devoção a Nossa Senhora da Abadia; e a Romaria do Vão do Moleque, caracterizada pela veneração de três santos: São Gonçalo, Nossa Senhora do Livramento e Nossa Senhora da Conceição.

Almeida (2015) cita também em seu levantamento, os encontros de raizeiras e cita o 4º Encontro de Parteiras, Benzedeadas e Raizeiras do Cerrado, que aconteceu em 2004, na Cidade de Goiás. O autor cita a Associação dos Moradores do Povoado do Cedro, em Santa Rita do Araguaia; a associação dos pequenos agricultores de Diorama; a Associação dos Ipês em Buriti de Goiás; o professor José Lopes, em Anápolis, que na época promoviam encontros para fortalecer a tradição.

#### 4 PLURALIDADES INDÍGENAS

Krenak (2020, p.22) observa que a humanidade tem se deslocado do seu vínculo com a terra e que os únicos que matém a relação de harmonia são os caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes, o que ele define como uma gente que fica agarrada na terra. São centenas de narrativas de povos que contam histórias, cantam, viajam, conversam e ensinam sobre a humanidade. “Cantar, dançar e viver

a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial” (KRENAK, 2020, p.32).

O escritor avalia que a nossa sociedade é especialista em criar ausências, o que resulta na desvalorização e intolerância contra aqueles que mantém relação com a natureza e com suas tradições, que buscam na criatividade na poesia inspiração para a resistência, “gente espalhada pelo mundo que dança, canta e faz chover” (KRENAK, 2020, p.26).

A obra *Desconstruindo o racismo contra os povos indígenas no Brasil*, organizada por Poliene Bicalho (2022), demonstra que desrespeito enfrentado pelos povos indígenas, que são vítimas de agressões físicas e morais, preconceitos e racismo, perpetua nos dias atuais. Em sua avaliação, isso se deve ao desconhecimento sobre os mais de 305 povos indígenas brasileiros, que falam mais de 274 línguas e possuem uma rica diversidade sociocultural.

Wahuka e Oliveira (2022, p.35) citam que a demonização das manifestações culturais indígenas é parte do discurso colonial que busca deslegitimar essas práticas, que ao contrário são manifestações culturais, como as danças, complexas e muito ricas, tanto em relação aos significados evocados em cada manifestação, quanto em relação à beleza e cuidados com o corpo durante sua execução.

Os autores pontuam que os indígenas possuem religiosidades diversas, profundamente ligadas aos costumes, à natureza, aos animais e aos mitos. A crença na Terra sem Males, entre os Guarani, e o respeito às forças da natureza são exemplos marcantes dessa espiritualidade. No entanto, preconceitos e desconhecimento perpetuam frases desconectadas da realidade desses povos, e invisibiliza seus saberes.

Brito, Peixoto e Bicalho (2022, p.99) trazem outro exemplo de desvalorização e preconceito em relação aos saberes indígenas: a desqualificação de sua produção artística, sob o argumento de que as artes indígenas não atendem aos critérios da arte ocidental. Essa visão ignora a riqueza e os valores próprios das expressões artísticas indígenas, frequentemente reduzidas a artesanato ou artefato. No entanto, para os povos indígenas, a arte é resultado de experiências coletivas que integram rituais, mitos, crenças e necessidades, como pinturas corporais, máscaras rituais e produtos utilitários como cestaria, cerâmica e madeira, com variações culturais.

Os povos indígenas do Cerrado são herdeiros de saberes ancestrais e, ao longo de milênios, manejam e multiplicam a biodiversidade dessa região, como traz Vecchione et al. (2020, p.68). São os caminhantes de chapadas e rios, os guardiões de sementes, os cuidadores de roças diversas, caçadores, pescadores e guerreiros.

Combinam técnica e exímio manejo do mundo da natureza com que convivem e onde vivem, praticando o agroextrativismo de frutos nativos e plantas medicinais, bem como tantos elementos que conjugam na feitura de belos artesanatos. Muitos dos saberes que os diversos povos e comunidades tradicionais praticam na convivência com o Cerrado — como os artesanatos de capim dourado e palha de buriti, os múltiplos usos do coco-babaçu e a

agricultura de cheia e vazante dos rios — foram desenvolvidos e adaptados ao longo do tempo por seus ancestrais indígenas. Os povos indígenas que habitam o Cerrado são resistentes e lutam para permanecer em seus territórios há séculos, tendo enfrentado reiterados deslocamentos forçados e tentativas de apagamento de suas existências, seja em aspectos materiais ou imateriais.(VECCHIONE et al., 2020, p.69).

## 5 CUIDADO DA TERRA

Gonçalves e Crisóstomo (2020) mencionam o povo Kalunga, que utiliza conhecimentos tradicionais para manejar seus territórios, baseados na convivência com a terra, águas, animais e os Encantados, integrando saberes africanos e indígenas, e que também sofrem com o processo de apagamento de suas existências. Repletos de significações próprias e plurais, que foram constituídos como resistência a barbárie a que foram submetidos.

Conforme os autores, há uma imensa biodiversidade, conservada e multiplicada por meio de sofisticadas formas de manejo das paisagens. As comunidades quilombolas praticam o extrativismo de um grande número de espécies (pequi, buriti, baru, babaçu, capim dourado, piaçava, bureré, roseta) para diversos usos, como alimentação, artesanato, medicina tradicional, rituais, beneficiamento e comercialização. Também utilizam diferentes tipos de roças tradicionais e criam diverso. “Os quilombolas conhecem a lua, conhecem a água, sabem quando a planta vai brotar, quando ela vai germinar, quando e porque ela não vai germinar, o que planta depois, o que planta antes” (GONÇALVES E CRISÓSTOMO, 2020, p. 112).

Os saberes tradicionais das parteiras, que muitas vezes recebem a chegada de seus netos ao mundo em suas próprias mãos; das benzedereiras e curandeiras, que buscam conhecimento com seus orixás, com seus ancestrais; que utilizam o poder das plantas, da água, do ar para curar seu povo, que são sinônimos de força, luta e resistência, conforme Santos e Lopes (2020). “Temos que, cada vez mais, aprender com os quilombolas de como a gente mantém o cerrado vivo. Eles são uma das grandes referências para isso: os quilombolas são nossos mestres para manter o cerrado vivo” (GONÇALVES E CRISÓSTOMO, 2020, p.117).

Os povos e comunidades tradicionais têm suas atividades econômicas voltadas ao cuidado com a terra, como também nos mostra Teles, Souza e Silva (2023), ao pesquisarem sobre a comunidade quilombola de Monte Alegre de Goiás, observaram que as famílias vivem do que produzem em suas lavouras e da extração de sementes e frutos do Cerrado, os quais são trocados ou comercializados. Há uma grande diversidade de práticas culturais das mulheres kalungas, que reconhecem a importância das propriedades medicinais dos frutos colhidos.

Santos (2023) em sua pesquisa sobre as práticas tradicionais dos Retireiros e Retireiras do Araguaia no bioma Cerrado, demonstra que a pecuária desenvolvida pelos povos tradicionais é completamente diferente do sistema convencional. Os vaqueiros buscam variar os locais de pasto, possuem conhecimentos específicos que permitem a manutenção do Cerrado nativo. O papel da

pecuária não é o esgotamento da terra para fins comerciais, mas sim para alimentação e consumo de leite. O conceito de sustentabilidade, neste contexto, não é técnico, mas social.

Toda a atividade está relacionada diretamente com o território. A coleta de palha de piaçava, por exemplo, serve para a construção dos barracões, enquanto a área do Cerrado é toda preservada, com enorme biodiversidade, e abriga cultivos de plantas medicinais. A criação de gado segue o movimento das águas, com pastejo alternado, e atenção cuidadosa aos locais de alimentação dos animais. A atividade está intrinsecamente ligada ao funcionamento do ecossistema; as pastagens são naturais, não há plantação de capins, e as gramíneas nativas são preservadas, pois desempenham um papel fundamental para a infiltração das águas.

Ribeiro et al. (2022) abordam a necessária efetivação de políticas públicas que protejam os povos tradicionais, valorizem seus saberes e reconheçam sua importância na preservação do Cerrado. O bioma continua sua busca pelo reconhecimento, valorização, proteção e conservação, enquanto observamos a redução dos povos tradicionais que veem suas riquezas materiais e imateriais sendo apagadas.

As políticas desenvolvimentistas limitam a participação dos povos tradicionais, que possuem uma ligação profunda com os elementos da natureza e expressam suas vivências por meio do cultivo de plantas medicinais, artesanato, pintura, culinária, e saberes que abrangem o conhecimento dos ciclos da natureza. A história destas comunidades não é contada e elas têm sido continuamente vítimas de diferentes agressões físicas e psicológicas, com seus direitos de propriedade violados e sua cultura destruída.

## 6 RESULTADOS

Observamos que histórias, modos de vida, culturas e saberes não são pautas recorrentes nos veículos de comunicação, conforme nos mostra a pesquisa realizada durante um ano, de agosto de 2023 à agosto de 2024, nos jornais mais tradicionais do estado de Goiás: Opção, O Popular e Diário da Manhã. Além da leitura diária utilizamos os buscadores dos portais com as seguintes palavras-chave: Cerrado, Desmatamento, Queimadas, Meio Ambiente, Povos Tradicionais, Saberes Tradicionais, Kalungas, Povos Indígenas.

Durante a análise, catalogamos 443 matérias ambientais, que as temáticas mais recorrentes foram: Desmatamento, Flora e Fauna, Queimadas, Povos Tradicionais e Crise Climáticas. As demais incluíram: resíduos sólidos e lixo urbano, poluição dos rios, fiscalização e combate a crimes ambientais, cultura e meio ambiente, turismo ambiental, poluição, dentre outros temas factuais. No quadro abaixo, destacamos apenas as principais pautas publicada durante o período, que somam 250 publicações.

Quadro 8 - Principais temas das notícias

Temas	Opção	O Popular	Diário da Manhã	Total
Desmatamento	30	16	10	56
Flora e Fauna	21	34	8	63
Queimadas	13	13	17	43
Povos e Saberes	16	26	13	55
Crise Climática	12	12	9	33
Total Individual	92	101	57	250

Fonte: Jury, 2024

Em seguida, buscamos especificamente identificar as notícias que se referiam aos saberes e povos tradicionais, sendo as mesmas correspondendo a 12% do total de matérias ambientais publicadas no período de um ano estudado. No entanto, se compararmos com a média de publicações, em que cada um dos diários, O Popular e Diário da Manhã, apresenta uma média de 11 mil matérias publicadas por ano, e o semanário soma cerca de 1200 matérias, o que somaria cerca de 13.200 matérias publicadas no período estudado, as pautas sobre saberes tradicionais que foram 55 correspondem a 0,4% das matérias publicadas.

Sendo assim, apresentamos que o Jornal Opção, durante o período investigado, publicou 16 matérias sobre povos tradicionais. Entre os temas abordados estão a repercussão nacional da votação do marco temporal, com reportagens que destacaram os questionamentos feitos por lideranças indígenas; a divulgação de políticas públicas estaduais, como o investimento governamental em escolas kalungas, a regularização de seus territórios, a implementação de programas como o PAA Quilombola de agricultura familiar, e a visibilidade proporcionada pelo 25º FICA (Festival Internacional de Cinema Ambiental), realizado na Cidade de Goiás.

Também foram publicadas matérias denunciando a ausência de energia elétrica em uma aldeia onde o último Ava-Canoeiro necessitava de tratamento médico, além da morte de peixes em comunidades locais e a resistência de povos indígenas e tradicionais à expansão agrícola. O veículo noticiou ainda o falecimento do folclorista Bariani Ortêncio e o tombamento de sítios históricos kalungas pelo IPHAN. Por fim, matérias voltadas especificamente para valorizar os saberes tradicionais foram apenas duas: Mulheres do Cerrado, transformação por meio da coleta de sementes, publicada em março de 2024; e Por dentro das comunidades ciganas de Goiás, em dezembro de 2023.

O Jornal O Popular publicou 26 matérias, sendo a maioria factual e voltada para eventos culturais. Entre os destaques estão a presença do Cacique Raoni no Centro Audiovisual em Goiânia, a programação da Aldeia Multiétnica e a exibição de um filme sobre a vida do indigenista Fernando Schiavini, ambos na Chapada dos Veadeiros, além da exposição SerTão Kalunga, o 3º Goyazes Festival

de Fotografia, uma exposição sobre o Xingu, a mostra cultural da UFG sobre indígenas e a exposição da artista Rafaela Rocha, que abordou a ancestralidade.

Assim como no Jornal Opção, o veículo noticiou o retorno de um cacique com câncer à sua aldeia após a instalação de energia elétrica. Outras notícias factuais incluem a divulgação pelo Censo 2023 do perfil de quilombolas e indígenas em Goiás, o anúncio de reflexões ambientais na Romaria de Trindade, a morte do folclorista Bariani Ortêncio, as produções culturais do FICA e a participação de kalungas em uma missão internacional no Canadá para combater incêndios.

Sobre os saberes tradicionais, duas matérias se destacam: a luta de jovens por uma vaga como Farricoco em uma tradição do século XVIII, registrada em março de 2024, e a reportagem sobre a procissão do Fogaréu. Outra matéria relevante foi publicada em dezembro de 2023, destacando as Mulheres de Lagolândia, que performaram suas próprias histórias em um espetáculo.

O Diário da Manhã publicou 13 matérias, dentre elas "Celebração da Ancestralidade: Goiás valoriza a cultura quilombola", destacando o Decreto 10.510, de 26 de julho de 2024, que institui a Semana de Celebração e Valorização da Cultura e da História das Comunidades Quilombolas. Assim como nos outros dois veículos analisados, as matérias são factuais, como a divulgação da produção audiovisual A Flor do Buriti, a exposição Xingu, o FICA, o lançamento do projeto Raízes Kalunga, a Procissão do Fogaréu, a participação das Artesãs Bordadeiras da Cidade de Goiás na passarela e a morte de Bariani Ortêncio.

## 7 DISCUSSÕES

Freire (2021) afirma que é impossível pensar a comunicação sem analisar a questão do poder. Os meios de comunicação em si não são bons nem ruins; são expressões de criatividade e inovação tecnológica. É necessário questionar se eles estão a serviço de quem e do quê, o que está relacionado ao poder e a política. Quem detém o poder sobre os meios de comunicação? Compreender isso é importante para evitar o risco de ser manipulado pelos interesses de quem detém o poder sobre a mídia. E, segundo Freire (2021), isso não pode ser silenciado.

As ideias de neutralidade e objetividade do jornalista, para Freire (2021), são manifestações de ideologia que pretendem agregar valor ao trabalho da imprensa e conferir credibilidade às informações, posições ou opiniões apresentadas. A manipulação começa quando o profissional oculta ou falseia aspectos da realidade com o objetivo de beneficiar interesses ocultos. No entanto, quanto maior nível de consciência das pessoas, menos eficiente serão os esforços de manipulação.

Freire (1987) destaca a importância do profissional ser capaz de estar no mundo, conhecer-se nele, de ter consciência de sua existência, refletir sua presença no mundo e ter a sua capacidade de agir sobre ele. Comprometer-se com o trabalho significa comprometer-se consigo mesmo enquanto

cidadão. A alienação do profissional, como no caso do jornalista, pode impedi-lo de ver o óbvio, inibir a sua criatividade e levar a uma análise superficial ao leitor.

Reis (2023) destaca as narrativas homogêneas e superficiais que projetam as falas de produtores de *commodities* e invisibilizam o discurso das mulheres cerradeiras que lutam pela defesa do Cerrado. São as mesmas narrativas que nega direitos, silenciam a diversidade de vozes, o ecofeminismo e a força feminina do Cerrado. Uma história de luta que se inicia na década de 60, mas que tem sido desvalorizada e diminuída pela força do patriarcado ao longo dos anos.

Segundo a autora, mulheres têm criado redes de solidariedade e luta, mobilizam comunidades para fortalecer a resistência, no Cerrado, às pequenas hidrelétricas, privatização das águas, uso de agrotóxicos, às sementes transgênicas e apresentam alternativas como a agroecologia e a agricultura familiar. São mulheres que têm demonstrado a importância da identidade e do lugar de pertencimento, enquanto seres da natureza e parte do Cerrado. É uma disputa contante entre a racionalidade econômica e a resistência local.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou o tratamento dado aos povos e saberes tradicionais na cobertura ambiental de três veículos jornalísticos goianos — Jornal Opção, O Popular e Diário da Manhã — ao longo de um ano. Embora a temática ambiental tenha ocupado espaço nas publicações, não muito relevante e recorrente, identificou-se que as matérias voltadas especificamente aos saberes e povos tradicionais representaram apenas 12% das reportagens ambientais. Quando confrontado com o volume total de matérias publicadas pelos jornais no período analisado (cerca de 13.200 textos), esse número se torna ainda mais revelador da marginalização do tema: apenas 0,4% das matérias abordaram diretamente os saberes e as realidades desses povos.

O levantamento mostrou que as matérias publicadas, em sua maioria, foram factuais e episódicas, voltadas à cobertura de eventos culturais, exposições, políticas públicas pontuais e denúncias específicas. Ainda que haja relatos relevantes — como a repercussão do julgamento do marco temporal, ações do governo voltadas às comunidades kalungas e a resistência à expansão agrícola —, percebe-se que os saberes tradicionais enquanto forma de conhecimento, prática cotidiana e base epistemológica de vida e resistência, permanecem sub-representados, principalmente no que se refere a proteção de direito e educação ambiental.

Matérias que de fato destacam o valor dos saberes tradicionais, como as reportagens sobre as Mulheres do Cerrado e as comunidades ciganas, ou ainda a performance das Mulheres de Lagolândia, foram raras. Isso demonstra que há um espaço ainda muito restrito, nos meios de comunicação locais, para uma abordagem mais profunda, contínua e respeitosa dessas cosmovisões e modos de vida.

A análise evidencia, portanto, a necessidade de ampliar o olhar jornalístico para além do factual e do exótico, reconhecendo os povos tradicionais não apenas como sujeitos de notícia, mas como sujeitos de saber. Essa valorização é crucial não apenas para promover a diversidade cultural e epistêmica, mas também para contribuir com o fortalecimento das lutas desses povos por território, dignidade e reconhecimento. O desafio posto à mídia local é o de avançar para uma cobertura mais sensível, estruturada e comprometida com a pluralidade dos saberes e com a justiça socioambiental.

## REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, Paulo Rogerio Gonçalves; CRISÓSTOMO, Maryellen. Comunidades Quilombolas do Cerrado: Cultivando Territórios de Liberdade nos Sertões. In: Desconstruindo o racismo contra os povos indígenas no Brasil / Poliene Bicalho (organizadora). – Curitiba : CRV, 2022. pp. 35-36.
- ALMEIDA, Antônio. Encontro de raizeiras. In: Manifestações culturais em Goiás: tradicionais e populares. Goiânia: Editorial Kelps, 2015. pp.138-141.
- BERTRAN, Paulo. História da Terra e do Homem no Planalto Central: Eco-história do Distrito Federal. 1ª edição. Solo Editores. Brasília, 1994.
- BICALHO, Poliene. Desconstruindo o racismo contra os povos indígenas no Brasil / Poliene Bicalho (organizadora). – Curitiba : CRV, 2022.
- BRITO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. Cora dos Goias. In: Cora Coralina: raízes de Aninha. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2009. pp.243-421
- BRITO, Cláudio do Nascimento; PEIXOTO, Josana de Castro; BICALHO, Poliene Soares dos Santos. Índio não tem/faz arte, só artesanato. In: Desconstruindo o racismo contra os povos indígenas no Brasil / Poliene Bicalho (organizadora). – Curitiba : CRV, 2022. pp. 99-100.
- CORALINA, Cora. Meu livro de cordel: poemas e crônicas. Livraria e Editora Cultura Goiana, 1976.
- \_\_\_\_\_. Palácio dos Arcos. In: Ideias e Comemorações.
- DA CÂMARA CASCUDO, Luís. A rainha do Brasil. In: História da alimentação no Brasil. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2017. pp - 93-106.
- DELGADO, Andréa Ferreira. Cora Coralina: a poética do sabor. Disponível em: administrador,+5+Delgado.PDF.pdf. Acesso em 28 nov 2024.
- FREIRE, Paulo. Não sou contra a televisão. Acho, porém... In: Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra, 2021. pp. 35-38.
- \_\_\_\_\_. O compromisso do profissional com a sociedade. In: Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. pp. 7-13.
- GABLER, Jay. O que é a Sociologia e por que eu deveria me importar? In: Sociologia para leigos. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015. pp. 23-40.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. In: Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. pp. 7-34.
- ORTENCIO, Bariani. Folclore. In: Cartilha do folclore brasileiro. Brasília: Thesaurus, 2013. pp. 11-29.
- REIS, Simony Lopes da Silva. As guardiãs dos cerrados e suas narrativas de lutas e resistência. Disponível em <https://journals.openedition.org/confins/53453>. Acesso em 28 de dez. 2023.

SANTOS, Marcela Dálete de Moraes. Toda pecuária é insustentável? As práticas tradicionais dos Retireiros e Retireiras do Araguaia no bioma Cerrado. Disponível em <https://bdm.unb.br/handle/10483/34157>. Acesso em 28 de dez. 2023.

SOUZA, Jorge Pedro. As teorias da notícia - explicações para que as notícias sejam aquilo que são. In. As notícias e os seus efeitos. Disponível em <https://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>. Acesso em 26 de dez. 2023.

TELES, Telma Ferreira da Costa; SOUZA, Josélia Batista Dias; SILVA, Edson Arlindo. Cooperação e associação econômica de mulheres kalungas na extração e venda de sementes e frutos do cerrado um estudo na comunidade quilombola de Monte Alegre-GO. Disponível em <http://revistas.fcjp.edu.br/ojs/index.php/altuscienca/article/view/83>. Acesso em 28 de dez. 2023.

VECCHIONE, Marcela, CONCEIÇÃO, Antonio Veríssimo; PEREIRA, Laudovina Aparecida Pereira; LIEBGOTT, Roberto Antonio. Povos Indígenas do Cerrado: Caminhando e Cultivando R-Existências Diversas. In: Saberes dos povos do cerrado e biodiversidade [livro eletrônico] / organização Diana Aguiar Orrico Santos, Helena Rodrigues Lopes. Rio de Janeiro : ActionAid Brasil, 2020. PDF

WAHUKA, Sinvaldo Oliveira Saraiva; OLIVEIRA, Fernanda Alves da Silva. A dança indígena é de demônio. In: Desconstruindo o racismo contra os povos indígenas no Brasil / Poliene Bicalho (organizadora). – Curitiba : CRV, 2022. pp. 35-36.